



Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

23 de Julho de 2016 • Ano LXXIII • N.º 1888
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Pai Américo — foi há 60 anos

Foi há 60 anos que Pai Américo partiu. Quando disse, antes de partir, «a minha Obra começa quando eu morrer», deixou-nos claro, pela sua e nossa fé, que a sua partida não se traduzia num corte radical com a realidade que deixava. Poderia, por outras palavras, ter dito: «Eu parto, mas continuo, antes, vou começar uma nova maneira de trabalhar nesta Obra que, um dia, Deus por mim fez nascer, porque me encheu de fome e sede de justiça por aqueles para quem não se olhava nem se cuidava. A minha missão de «recoveiro dos pobres», que cumpri, entrego-a totalmente a vós que a continuais como eu a comecei e fiz crescer. Estarei junto d'Aquele que a pensou, a acalentou e tudo Providenciou, a fim de que vós, que a abraçastes e vos dais inteiramente a ela, não vos guiéis pelo tino da evidência das realidades mas pela loucura da fé no Divino: o «padre da rua» «é um obreiro do Senhor que vê a Obra feita antes de começada».

60 anos é muito tempo para uma vida humana. Estes 60 anos foram um pedaço do tempo em que muitas vidas se doaram e gastaram, (padres, senhoras, rapazes), nesta missão de cuidar dos Pobres à maneira de Pai Américo: do Rapaz da rua, do Doente incurável, dos Pobres de muitas outras pobreza e, também, dos que não as tendo a condicionar-lhes a vida, perceberam que nas palavras, no testemunho e nas acções de Pai Américo e dos que o seguiram, recebiam um enriquecimento para a vida, de ânimo, de luz, de verdade e de eternidade.

É assim que a Obra da Rua é muito mais do que aquilo que explicitamente aparece. Há um de dentro e um de fora, duas realizações do seu ser família. Delas, uma complementaridade irrompe, de meios e de contributos para a realização vital de uns e de outros, pois a família é um dom e uma capacidade dados ao ser humano para que, na inter-relação, reciprocidade e complementaridade, alcance o desiderato na sua vida, que tem como meta última pertencer, em pleno, à Família do Criador. Por este anseio, Pai Américo suspirou, exprimindo-se assim: «Eu quero os meus filhos no Céu».

Pai Américo fez, no seio da sua família natural, uma experiência feliz. Ele sabia que esta boa experiência era essencial para o presente e o futuro dos seus Pobres, em particular dos seus Rapazes. Daqui deduziu uma linha condutora fundamental para a Obra: «Somos a família para os sem família». E acentuava esta necessidade na vida quotidiana da Casa do Gaiato: «A obra deve girar nos moldes da família. (...) o Miúdo (...) há-de sair do Ninho capaz de a construir, pela prática que teve dela».

Pai Américo partiu há 60 anos. Desde aí, ficou figura da história igual a tantos outros famosos e valorosos lusitanos? A resposta é a vida que no-la dá. Não só no seu tempo por cá, mas também nestes 60 anos, quantos, de dentro e de fora, o temos como referência no ver, julgar e agir da vida de todos os dias!? Dele colhemos a sabedoria que adquiriu e nos transmitiu abundantemente, que nos ajuda a ter luz nos problemas e acontecimentos da vida, pela capacidade que tinha de os ler a partir do outro lado das coisas, a que se referia com graça quando dizia: «Não sei se é dos óculos se quê, mas parece-me que vejo tudo

Continua na página 3

SINAIS

Padre Telmo

O dar o almoço ao Chico, que não vê, admiro sempre o seu ritmo certo no abrir, mastigar e de novo o abrir da sua boquinha de ouro.

Hoje lembrei o texto de Padre Baptista no Calvário 3, página 71:

«O LIMOEIRO

Plantámos uns limoeiros à beira dum reduzido curso de água. Esperámos pacientemente e as árvores folhosas começaram a dar limões. Passo por ali muitas vezes e deparo sempre com frutos de todos os tamanhos. Flores



pequenas estão sempre a rebentar, ao longo do ano; e, ao deixarem cair as pétalas, mostram logo o fruto nascente.

São as árvores mais generosas que conheço. Não se cansam de dar fruto. A sua generosidade espanta-me. Às vezes, um galho quebra com o peso dos limões já bem amarelecidos. Não pedem nada a ninguém. Somente desejam que as aliviem do seu peso.

Tenho pena que Cristo não se tivesse lembrado dos limoeiros para fazer deles uma parábola sobre a Igreja. Talvez os não houvesse por aqueles lados.

Pois, a Igreja está no mundo para dar fruto, através dos seus membros. É a sua função: dar sempre, sem nada pedir em troca, gratuitamente a exemplo do Seu fundador.

A Igreja sem frutos não cumpre a sua missão. E se os frutos não souberem a amor verdadeiro, nem forem dados com total gratuidade enganam quem os recebe. É puro comércio.

Tenho aprendido muito com os limoeiros. Vejo semelhanças, aqui no Calvário, na entrega dos doentes uns aos outros. Também eles não se fatigam de partilhar as forças, às vezes, fracas e escassas.

Mas há quem não aprecie nem compreenda este labor. Foi assim com alguém que veio para ajudar por umas horas e não conseguiu entender este nosso modo de agir:

— Os doentes não deviam dar de comer uns aos outros. E muito menos executar tarefas domésticas. Isso devia ser feito por empregados.

Certamente, se o Calvário fosse uma obra de Assistência. Mas não. Ele é como o limoeiro florido.

Este alguém não reparou na alegria da Rosa, inocente, a dar de comer à Fernanda, paralisada. Ela passa o tempo da refeição a rir-se para quem vai abrindo a boca com dificuldade. Por vezes, há desencontro dos lábios que se cerram e não permitem a entrada da colher. Mas a Rosa fica feliz quando acaba o seu trabalho:

— Ela já comeu tudo! — Executa diligentemente o trabalho e fica naturalmente contente quando o termina.

A Rosa não está à espera de paga para se alegrar com o que faz.

— Pronto. Já está! — Quantos frutos destes não rebentam aqui todos os dias!

Como o limoeiro, o Calvário está sempre a produzir, pois tem no seu meio muitas Rosas que dão fruto e só desejam que os saibamos colher e provar.»

Se não soubermos colher e provar no tempo próprio, mastigaremos frutos verdes! □

Continua na página 4

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

A propósito de uma carta do Vaticano

O II Concílio do Vaticano, na sua Constituição dogmática *Lumen Gentium* (n.º 50), declarou que *não é só por causa de seu exemplo que veneramos a memória dos bem-aventurados, mas ainda mais para que a união de toda a Igreja aumente com o exercício da caridade fraterna.*

O Papa Francisco convocou um Jubileu extraordinário da Misericórdia, que teve início em 8 de Dezembro de 2015. Recorda que o Deus de Jesus é o Deus misericordioso. Vence todas as misérias humanas e cuida dos pobres. Insiste sobre a angústia e desespero dos mais débeis. Daí que *a credibilidade da Igreja passa através do caminho do amor misericordioso.* Para que as outras pessoas experimentem o sabor da misericórdia divina, em especial as que estão feridas pelo sofrimento, há que escutar o clamor dos pobres, ter compaixão pela dor humana e servir com humildade os irmãos.

Entre outros exemplos, na Igreja em Portugal, no século XX, quem também despertou(a) em nós a inquietude de ser misericordiosos como o Pai foi (é)

o Padre — Pai Américo, que partiu para a casa do Pai em 16 de Julho de 1956, devoto da Mãe de Jesus. Desde pequenino, com a devoção dos pobres, nomeadamente até à derradeira *martelada* foi percebendo a paciência de Deus. Porque Deus é misericórdia, a fé em Cristo vivo conduziu-o a viver o Evangelho como o Pobrezinho de Assis, rasteirinho, cuidador de pobres, enfermos, reclusos, rapazes e sem-abrigo, com uma vida fecundíssima, em santidade.

É interessante revelar nestes anais que o Cardeal D. José Saraiva Martins viveu, na sua adolescência, próximo de Paço de Sousa, onde o Padre Américo construiu a Aldeia do Gaiato. Na verdade, o nosso Cardeal veio de Gagos do Jarmelo (Guarda), onde nasceu a 6 de Janeiro de 1932, e ingressou em Outubro de 1944 no Seminário Menor da Congregação dos Missionários do Coração de Maria (Claretianos), instalado no Hotel da Várzea, nas Termas de S. Vicente. Com um percurso eclesial altamente meritório, em 30 de Maio de 1998 foi indigitado

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

AS VAIDADES E OUTROS INTERESSES NADA SOCIAIS QUE ANDAM PELO SOCIAL — Hoje em dia fala-se cada vez mais de economia social, investimento social, impacto social e outras coisas terminadas em “social”. É bom que se dê cada vez mais atenção aos problemas sociais com o genuíno propósito de combater eficazmente esses problemas. Infelizmente nem sempre é assim em muita conversa e em muito dinheiro que está envolvido nestas coisas. Como o social “é o que está a dar”, andam por aí pessoas e organizações que chegaram ao social para correrem atrás da fama, para aparecerem na fotografia como os grandes “especialistas” destas coisas, para tirarem proveitos materiais e outros desse estatuto de “especialistas” do social, ou de estatutos de poder em organizações públicas, ou privadas ligadas ao social.

Nesta altura em que comemoramos o 60.º aniversário do falecimento do Pai Américo, é preciso lembrar o exemplo de genuíno serviço ao próximo que foi a sua vida. Nada nele era correr atrás de fama, ou correr atrás de proveitos materiais ou outros.

O Pai Américo fez só o que Deus e o Evangelho nos dizem para fazer nestas coisas. Recordemos que Cristo não foi nada meigo em relação aos fariseus. Denunciou-os em voz alta e de forma muito forte, enaltecendo, ao mesmo tempo, o óbulo modesto e escondido da viúva pobre. Recordemos, também, que Cristo não esteve com contemplanções quando expulsou os vendilhões do templo, da forma que sabemos.

Por isso, também não pode haver silêncios, contemplanções e trabalho em “equipa”, ou “em parceria” com quem anda no social a correr atrás da fama e de proveitos materiais ou outros. Quem assim faz tem que ser denunciado e tem que ser corrido para fora destas coisas. Quem cá deve andar e com quem devemos andar nestas coisas é com os pobres e humildes de coração. Os outros são más companhias das quais não poderá vir coisa boa. □

BEIRE – Último sonho de Pai Américo

Um admirador

Para falar de *Um Sonho, o Calvário*, que foi o último sonho de Pai Américo, sempre haverá que recorrer ao que ele próprio escreveu sobre o nascer do seu último sonho. **Nascer.** Porque, pouco depois do nascer e dos primeiros passos, o **realizar** já não foi de Pai Américo. Foi do nosso Pe Baptista. Na impossibilidade de juntar aqui o texto integral de Pai Américo e os comentários que ele sempre me desperta, remeto para o texto de Pai Américo quando necessário. Veio há pouco publicado, como artigo de fundo, n' O GAIATO, n.º 1885, de 11 de junho pp. De momento, olhemos, bem com olhos de ver, estas primeiras frases do texto dele: *Chegou a hora de dar notícia de uma Obra que há muito trazemos no peito, a saber: um abrigo onde possam morrer cristãmente legiões de inválidos sem morada certa. Vai-se-lhe dar o nome de Calvário. O Calvário! É um nome tirado do Evangelho. É o resumo de toda a economia da Redenção. Fazem hoje falta no mundo estes nomes, estas ideias, estas Obras humanas de sabor divino.*

Antes que tivesse tido tempo para realizar este último sonho, a morte, como *Dies Natalis*, dia do seu nascimento para o céu, de que agora celebramos os 60 anos, a morte levou-nos Pai Américo. Não pôde ver connosco o seu sonho realizado. Mas Pe Baptista pegou nele e começou a torná-lo realidade, visível, papável, ao alcance de quem tem olhos para ver. Sessenta anos passados, hoje, não sem alguns arrepios, estremece-se de ternura ao ler os *flashes* com que Pe Baptista nos brindou, já em três volumes publicados pela editorial da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. São retratos do que por ali tem passado, ao longo deste tempo em que foi dando corpo ao sonho que herdou e que fez seu também. Mas, porque se trata de *um sonho* que nem a morte abafou, convirá lembrar que esse sonho ainda está vivo. Venho de lá hoje. Posso testemunhá-lo: continua vivo e em *marcha...* Tal como no amor, também neste último sonho de Pai Américo, o lema é *hoje mais que ontem e menos que amanhã...* Sempre em busca de *caminhos não andados que esperam por alguém*. Porque a matéria prima que deu origem ao último sonho de Pai Américo, infelizmente ainda não se esgotou...

Penso que, agora, até abunda mais do que nunca.

Pelo que vemos, ouvimos e lemos (...) andam por aí muitas forças no ar a querer que este tipo de SONHOS não vinguem... Porque incomodam... Falam de “morrer cristãmente”; falam de “Evangelho”; falam de *obras humanas de sabor divino...* Ora tudo isto incomoda. Tal como Pai Américo também incomodava... Penso que um sonho como o Calvário é sempre um sonho que incomoda... Incomoda o nosso egoísmo, o nosso comodismo. Porque nos obriga a confrontarmo-nos com a “verdade real”, nua e crua. Essa de que sempre fugimos, porque nos incomoda, obrigando-nos a pôr os pezinhos na terra, a pôr o dedo nas feridas desta nossa sociedade que tenta a toda o custo contentar-se com a sua paupérrima *imanência...* Mas Pai Américo foi o testemunho vivo e operante de uma vida assente, de vincada ligação à *transcendência...* Sem intelectualismos nem racionalizações evasivas. Pai Américo sabia *ver mais longe*. Sabia ver aí onde só o coração pode chegar. Mas nós temos medo do coração. Dizemos que isso são *pieguices*. Acreditamos demasiado na cabeça... — *Isso de o Calvário ser uma família não nos diz nada* —, desculpava-se alguém, acusando Pe Baptista.

Gosto de ligar os factos, ainda que separados no tempo. Penso que podemos dizer que o último grande sonho de Pai Américo é o mesmo que o *grande sonho do Nazareno* que, na teologia actual, aparece como *Projecto Humanizador do Pai*. Ou ainda como *O Projecto de Jesus de Nazaré*. Mas, ligando bem os factos, podemos dizer que estamos diante do mesmo Grande Sonho dos homens por Ele amados. Esse sonho que vem desde lá do fundo da História — sob as formas de *Paraíso* e/ou de uma *Terra Prometida...* Depois, Jesus, mas ainda *in illo tempore, naquele tempo*, falava e preparava os seus discípulos para a implantação do *“Reino dos Céus” ou do “Reino de Deus”...*

Claro que isto, hoje, precisa de ser traduzido/precisa de ser entendido em boa teologia, em boa psicologia e em boa sociologia. O *Reino dos Céus* ou *Reino de Deus* de que Jesus falava (e que, segundo Ele mesmo, já está em marcha, mas tem ainda muito

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — A temperatura ambiente vai subindo e o Sol tem queimado, no pino do calor. Nessas horas, não temos ido para os campos. Em 13 de Junho, início das férias escolares de Verão, procedeu-se ao abate de mais de 90 frangos, que criámos para a nossa alimentação. Limpámos o estrume dos galinheiros. Entretanto, debulhámos mais milho grão. Depois, continuaram-se a cortar as ervas daninhas na encosta de frente para a rotunda Pai Américo, na horta de baixo, no pomar dos citrinos, na cerca das ovelhas e atrás das oficinas. A sebe e as ervas do campo de futebol foram cortadas, parecendo um relvado a sério. Ainda se cortaram também as relvas dos vários jardins, a sebe do jardim de roseiras em frente ao refeitório e a sebe do largo da nossa Capela. A par, foram-se varrendo os largos e arruamentos da nossa Casa. Em 27 de Junho, enfardaram-se 817 fardos de palha de aveia, nos nossos terrenos, apesar do mau tempo ter tombado parte da cultura. Na horta de cima, plantaram-se mais talhões de alfaces e ainda couves, tomateiros, pepinos e melancias. Gostamos muito de saladas! Junto temos algumas leiras de bateiras. A cultura do milho grão, no campinho (terra dos grilos), está boa e começou-se a regar com o nosso sistema de rega. Pulverizaram-se as latadas de videiras; e já temos certificado para aplicação de produtos fitofarmacêuticos. Capinou-se ainda o olival junto à vessedra.

ARRANJOS — Depois do concerto na casa das máquinas, enterrou-se a

tubagem que ficou à superfície no parque infantil. O aparelho de ar condicionado da despensa de baixo foi limpo.

PISCINA — Tem sido uma alegria refrescarmo-nos na nossa piscina, depois do arranjo feito, em que se repuseram os ladrilhos. O José Fagundo vai cuidando da água, limpando-a e colocando os produtos. Depois das nossas ocupações, devido ao calor, gostamos muito de mergulhar e nadar.

ESCOLAS E CENTRO DE ESTUDO — Nas reuniões de avaliação, nas escolas, foram recebidos os resultados do 3.º período, relativos ao aproveitamento dos Rapazes, do 1.º Ciclo ao Secundário. O balanço final é positivo. No próximo ano lectivo, naturalmente é de melhorar o aproveitamento e o comportamento. No nosso Centro de Estudo, organizámos os livros e materiais escolares, e devolveram-se alguns manuais escolares emprestados pela Escola. Na semana de 20 a 24 de Junho, os Rapazes do 1.º Ciclo participaram na actividade Miranda em Movimento, do Agrupamento de Escolas.

ANTIGOS GAIATOS — Em 26 de Junho, Domingo, decorreu o tradicional Encontro anual dos Antigos (e actuais) Gaiatos e Familiares do Centro. Depois do acolhimento fraterno, pelas 10 horas foi celebrada a Eucaristia no nosso salão devidamente preparado já desde as Bodas de Diamante da nossa Casa, presidida pelo nosso Padre Manuel. À

PAÇO DE SOUSA

Quintino



PRAIA DE AZURARA — Eu sou o Quintino, tenho 8 anos e sou da Guiné. Estou na praia de Azurara. Quando nos levantamos, às 9:00h., vamos para o refeitório rezar as nossas orações e tomar o café com leite e comer pão com manteiga ou marmelada. Depois do café, vamos para a praia dar alguns mergulhos na água do mar.

Depois, voltamos para casa. Almoçamos e, depois, fazemos as nossas obrigações — a minha é varrer o corredor — e, de seguida, vou ver televisão ou jogar matreco no salão de jogos ou brincar e jogar a bola com os meus colegas.

A praia está a ser bonita e eu não quero ir embora..., porque a praia está a ser melhor.

À tarde, voltamos a ir à praia, apanhar caranguejos e trazemos para casa. Depois de sair da praia, vamos tomar banho no nosso balneário. Depois de prontos, vamos para o Terço e, depois do jantar, vamos ver a novela até à hora de ir dormir. Antes de nos deitarmos, tomamos café com leite e bolachas e rezamos as nossas orações — e dormir até às 9:00h.. □

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«Estou comovida com o que estão a fazer às vossas Casas, mais precisamente, neste momento, ao senhor Padre Baptista — que tanto se tem sacrificado!... Tive a honra de já ter estado no Calvário e pude ver, com os meus próprios olhos, o bem que aí se faz em função dos mais necessitados. Um abraço e sigam em frente, que esse é o caminho certo.

Assinante 40756»

«... A palavra Gaiatos sempre esteve no meu coração, com muita admiração pelos Padres e pessoas que sempre estiveram ao lado dos mais infelizes e desamparados, tratando-os como seres humanos. Por isso, estou revoltada e magoada, pois ouvi calúnias, a dizer mal, de quem tão bem tem feito pelos outros — e pergunto: — Onde está a Caridade e a Dignidade do Povo português? —, que não fazem o bem,

entrada, havia uma exposição alusiva. O almoço partilhado decorreu no grande salão ao lado, com muitas mesas que nos ofereceram. Como o calor era muito, a piscina foi uma grande atracção. Foi um dia tranquilo e feliz, de reencontro da família gaiata daqui, da primeira Casa da Obra da Rua.

VISITANTES — Vamos tendo visitas de amigos e amigas da nossa Obra, recebendo famílias e grupos, em especial da Igreja, para nos conhecerem e ajudarem. Em 12 de Junho, Domingo de tarde, vieram da Unidade Pastoral de Montemor-o-Velho cerca de uma centena de catequizandos, catequistas e pais com o jovem e dinâmico Padre António Domingues. Houve um encontro de partilha no salão de festas, seguido de visita, jogos e uma saborosa merenda. Em 18 de Junho, Sábado, do Roxo (Lorvão), também veio um grupo de catequese. Bem hajam!

60.º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE PAI AMÉRICO — As comemorações dos 60 anos da morte do nosso querido Pai Américo vão continuar ao longo do ano, em especial com os seguintes acontecimentos: Em 10 de Julho, pelas 10.30 horas, Domingo, foi celebrada Missa na Igreja Paroquial da terra natal de Pai Américo, em Galegos (Penafiel), com uma simples homenagem junto ao seu busto. A 12 de Julho, pelas 11 horas, os Padres naturais do Concelho de Penafiel concelebraram na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Em 16 de Julho, Sábado, pelas 15.30 horas, houve uma Celebração Eucarística na Igreja da Trindade, no Porto, presidida pelo Sr. Bispo D. António Francisco. No dia seguinte, pelas 12 horas foi a Eucaristia na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde se encontra a campa rasa de Pai Américo. Em Coimbra, no dia 24 de Julho, Domingo, pelas 12 horas, na Igreja Paroquial de S. José também participaremos na Eucaristia, presidida pelo Sr. Bispo D. Virgílio. Depois, daremos notícias destes dias marcantes, para os quais todos os nossos amigos e amigas estão convidados. Na nossa Casa, continua uma exposição biblio-iconográfica sobre Padre — Pai Américo e a Obra da Rua.

FÉRIAS NA PRAIA — Neste ano, temos seguido outra modalidade, à moda do início da nossa Obra: Colónia de Férias. Assim, temos passado dias de férias nas praias de Vila Nova do Ceira (fluvial), mais perto, e na Praia de Mira (mar), em vários grupos, por escalões etários e com responsáveis, para que a vida da nossa Casa decorra com a normalidade possível. □



VINDE VER!

Padre Quim

Nos braços de Nossa Senhora do Carmo nasceu para o Céu há 60 anos

FOI sobre o olhar maternal da Virgem Santíssima, que a 16 de Julho de 1956, Pai Américo nasceu para o Céu. Depois de uma longa jornada dedicada a entrega de si mesmo por amor aos pobres escutou a chamada do alto: «vinde benditos de meu Pai...» Dois dias antes tinha sofrido um grave acidente de automóvel perto de Paço de Sousa à saída de São Martinho do Campo, com o Abel no volante, quando surgiu numa curva da estrada uma camioneta e um carro de bois, que provocaram o inesperado momento de agonia.

Depois de longas horas de sofrimento e Justamente no dia em que a liturgia cristã faz memória de Nossa Senhora do Carmo, o Pai dos pobres, o apóstolo da rua, o recoveiro-servidor- procurador dos abandonados, e evangelizador, veio a falecer no Hospital Geral de Santo António, Porto, e jaz em campa rasa na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Verdadeiramente presente na Obra que deixou: casas do Gaiato, Lares, o

Jornal «O Gaiato», Património dos Pobres, Calvário.

Volvidos 60 anos, da ausência física do fundador, a sua Obra continua a levantar os caídos nos caminhos da miséria, e a indicar o caminho a muitos que estavam perdidos, sem rumo na vida. A ajudar o Rapaz a ser um homem, e o doente abandonado a viver com dignidade, os sem tecto a encontrarem abrigo digno, «O Gaiato» a proclamar o milagre de cada dia que passa na Obra da Rua.

A caridade é a unção feita por Deus na Obra do Padre Américo, ‘homem de Deus’, que pôs a circular no seu coração em grande ritmo a força construtiva para responder aos males do seu tempo. Foi percorrendo os caminhos do amor que o ‘peregrino da caridade’ transpôs os obstáculos criados por uma sociedade egoísta que cria, ao lado dos senhores do luxo, os filhos da miséria.

A caridade que inundou o coração de Pai Américo, não permitia que o o pobre tivesse fome, que o

doente vivesse com desespero, que o rapaz morresse abandonado na rua.

Estamos a preparar a nossa festa. Os rapazes são artistas ali onde são chamados a dar o seu contributo. Nada sem o Rapaz, em tudo contar com ele. O Cantinho dos Rapazes é lido antes das três ave- Maria, soltam-se as palmas, o leitor cala-se e a oração continua. Depois vem a explicação. É tudo feito num clima familiar. Quer dizer executado pelos rapazes.

Na nossa escola o 16 de Julho é dia de festa. É dia do seu patrono. Vai ser antecipada para sexta-feira, com cerimónia religiosa a abrir as actividades. No Sábado será a festa para a família de dentro, com a celebração da Eucaristia presidida por Dom Óscar, Bispo Emérito, e no Domingo será a festa para a família de dentro e de fora.

Pai Américo foi grande no amor do próximo, sobretudo os mais pobres, porque foi grande no amor de Deus. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Férias

POUCAS crianças jovens em Portugal têm uma casa de férias como os nossos rapazes.

A menos de 500 metros da praia, encastrada na serra, com uma enorme esplanada cingida de flores nos alegretes cuidados e quase coberta de altas buganvílias floridas de roxo a emprestarem uma deliciosa sombra a quantos, debaixo delas almoçam, jogam ou simplesmente descansam, olhando o arvoredado virgem da Arrábida e o azul próximo e cintilante do oceano.

A nossa casa é, na verdade, um cantinho do céu para compensar os nossos rapazes das carências

que a pobreza ou a miséria lhes impuseram.

No mês de Julho predominam os rapazes mais pequenos e no de Agosto, os mais velhos.

Os divertimentos são variados. Na praia há uma canoa e um pequeno barco e, junto à casa, um mini campo de futebol onde os rapazes podem esticar as pernas.

Visionam a comunidade dois casais de gaiatos antigos. Um responsável pela cozinha, outro pela roupa, saúde e higiene. Gente capaz em todos os domínios, com largas experiências de vida, de educadores e sobretudo dominando bem o espírito de família das casas do gaiato. São uma bênção de Deus para todos nós.

Isto não quer dizer que não haja

chefes. Há sim senhor! A vigia na praia, nos quartos, no recreio e distribuição das leves obrigações pertencem ao chefe. Primeiro, esteve o Danilo Tavares, que agora tem exames na faculdade; em seguida, o Roni mantém a malta em linha.

Ladoeiro

É uma freguesia situada perto de Castelo Branco. Temos lá amigos, e a D. Celeste nossa colaboradora há vários anos tem por lá distribuído muitas simpatias.

Já o ano passado estiveram conosco na praia alguns casais e um grupo de jovens cristãos dirigidos por uma professora que também é sua catequista.

Organizaram uma campanha, pediram nas casas comerciais e famílias e angariaram uma grande quantidade de mercearia que nos trouxeram. Jovens do interior marcados ainda por uma riqueza humana, valorizaram o convívio com os nossos e gozaram também, durante quatro dias a proximidade do mar, tão distante para eles.

Alguns pais acompanharam os filhos aproveitando também os dons da natureza e os bens da nossa casa da Arrábida.

Um baptizado

O Guilherme veio pedir-me para eu baptizar a sua menina na nossa capela.

Após tudo preparado e, com as devidas autorizações, marcamos uma tarde de sábado após a minha Missa, na cidade.

Ao chegar atrasado, deparei-me com um número grande de antigos gaiatos, suas mulheres e filhos. Eram todos a família do Guilherme. Alguns colegas de trabalho na marinha de guerra com os seus postos a merecerem um salário digno e outros, em várias empresas, os quais se tratam por irmãos,

sua total confiança. Todos os dias o lenhador ia trabalhar e deixava a raposa a cuidar do seu filho. Todas as noites, ao regressar do trabalho, a raposa ficava feliz com a sua chegada. Os amigos do lenhador alertavam-no, que a raposa era um animal selvagem e, portanto, não era de confiança, quando ela tivesse fome, iria comer a criança. O lenhador respondia sempre que não, que isso era uma loucura deles, a raposa era sua amiga e que nunca faria mal ao filho. Os vizinhos insistiam sempre: — A raposa vai comer o teu filho. Um dia, ao chegar a casa exausto do trabalho, vem a raposa a sorrir, como sempre, mas a sua boca estava toda ensanguentada, ao vê-la assim, o lenhador sentiu uma onda de fúria e revolta, e sem pensar duas vezes, acertou com o machado na cabeça da raposa, e matou-a. Correu para o quarto, desesperado, com o coração a saltar na garganta, à espera de encontrar o pior. Porém, no berço o bebé dormia tranquilo. Ao lado do berço, uma cobra morta. Com o coração pesado, nessa noite, enterrou a raposa e o machado, juntos. Depois disto, uma pergunta

começa a desenhar-se cá dentro, no nosso pensamento: Quantas vezes já não fizemos o mesmo? Quantas raposas teremos todos morto, injustamente, por termos mais ouvidos que razão? Quantas vezes julgamos os outros com precipitação raivosa, desferindo golpes fatais — e em quem nos quer tão bem?

Os humanos têm tendência para acreditar mais depressa no mal do que no bem, do que na lealdade ou pureza ou intenção do outro ser humano, causando-lhe situações, tantas vezes, irreparáveis, e tantas vezes injustas (...), a ingratidão não provoca raiva, mas desgosto. Uma sensação indefinida de vergonha e de incompreensão total. A nossa confiança é abalada, os nossos valores postos em causa, ficamos vazios e aturdidos, não queremos sequer acreditar no que nos fizeram (...). Porque será que, no momento de decidir, matamos a raposa, em vez de verificar, primeiro, se o bebé está a dormir tranquilo?

Meus queridos amigos, um abraço do coração para todos da Casa do Gaiato.

Assinante 41242

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

ao contrário!». Ao contrário, porque via a verdade das coisas, vencendo as suas aparências e nebulosidades, e também as influências ardilosas, nelas contidas, por acção dos homens.

Mas não são só os vários tipos de testemunhos que nos deixou, que nos fazem dizer que não ficou na história somente como uma grande figura do passado. Para além dos muitos testemunhos que nos chegam, e que nos falam da sua acção no presente, quantas graças são atribuídas à sua intercessão, a nossa própria experiência nos faz crer que Pai Américo continua a ser o primeiro obreiro da Obra da Rua, e que, se não lhe chegamos aos calcanhares, isso não constitui para nós desprimor, mas a confirmação de que a Obra da Rua não é nossa, como a não foi dele, como dizia - «A Obra não é minha» - mas de Deus, o seu verdadeiro Autor e fautor.

Como poderemos nós agir num espírito diferente daquele que impulsionou, convenceu e fez avançar Pai Américo, desde o primeiro momento em que a «martelada» o retirou de todos os seus interesses? «Olh’o grão de trigo morreu. E depois tanto fruto, tanta vida...»

Manter este espírito, que não tem que alinhar em modas por questões de imagem, traz-nos alguns mal-entendidos, como o de haver quem nos chame de retrógrados. Certamente que, quem assim fala, ainda que muito ilustrado e iluminado, não tem a visão que uns óculos, à maneira de Pai Américo, proporcionam, permitindo vencer a miopia que encontra boa focagem, sobretudo, na novidade.

Há também quem nos veja fechados sobre nós mesmos, nós que «somos a Porta Aberta», para entrar e para sair, insistindo que há isolamento e alheamento da nossa parte às conquistas do saber humano ou porque não aplicamos em nossas Casas o modelo oficial. Com todo o respeito o ouvimos, e com o mesmo respeito o rejeitamos, pois a árvore conhece-se pelos frutos e não pela sombra que produz. Certo é que não nascemos para ser árvore de jardim mas árvore que mata a fome a quem a tem. Confiámos nos progressos do saber experimental da ciência e da técnica, dos nossos dias, que corrige insuficiências ou deficiências dos humanos, melhorando a qualidade e a quantidade da vida, e recorremos aos seus serviços. E temos, por graça e Providência de Deus, os auxílios humanos e materiais que necessitamos, no respeito pelas autonomias da técnica e da sua intervenção na família, este o ambiente em que a nossa vida se desenrola.

Se o nosso pensamento e prática de vida nos posiciona como não alinhados em relação aos modelos institucionais formalmente decretados, não é por casmurrice ou vaidade, mas antes porque acreditamos nos valores que nos norteiam, que temos como os que mais importa procurar, para que a vida seja mais humana e, por isso, mais feliz. Outros se têm encarregado de o confirmar, em vários estudos e teses académicas.

Não é fácil este caminho que escolhemos, a exigir-nos sempre total disponibilidade e fidelidade. Se os nossos trabalhadores são poucos para tamanha seara, e agora alguns deles debilitados e muito limitados pelas normais consequências de terem já passado o prazo, não de validade mas de diminuição de capacidade para a actividade, onde estará a razão para que poucos se disponham a abraçar esta causa, que é a dos Pobres? Como dizia Pai Américo: «Os Pobres são matéria indesejada». E ainda: «Eu já dobrei o cabo dos cinquenta e daqui por diante os anos são mais curtos, não que tenham menos dias, mas sim porque nem todos se podem aproveitar». E, para quase todos nós, onde vão já os cinquenta!?

As «Normas de Vida» dos «padres da rua», em parte resultantes do punho de Pai Américo, dizem quem somos: «Os padres da rua são padres seculares. Não usam hábito. Não fazem votos. Não têm residência. Nem família, nem amigos, nem campos, nem interesses, nem nada». São palavras ricas de sabedoria e caminho de felicidade. Mas quem as aprecia e quer seguir? Aquele nem nada, diz tudo. Ainda assim actualizá-lo-ia com mais duas ou três concretizações: o «padre da rua» não tem a sua vida pessoal, não tem o seu tempo, não tem as suas férias, e também não tem a sua reforma. O trabalho nunca acaba, nem mesmo quando acabarmos.

Passaram-se 60 anos. O trabalho de Pai Américo continua. Não nos admiremos, pois o próprio Jesus disse que Seu Pai trabalha sempre. Os Pobres continuam a existir e, porque o são, a precisar. Haja operários para esta parte da Messe do Senhor. □

as mulheres como cunhadas e os filhos como primos.

É lindo! É belo o sentido de família criado na Casa do Gaiato.

Uma série deles com mulheres licenciadas enchiam a capela de crianças felizes e livres. — *Portem-se como adultos que as crianças, de certeza, se irão portar como crianças. Deixem-nas livres. Os seus gritos e brincadeiras são imagens vivas dos anjos que nos acompanham invisivelmente* —,

recomendei logo no princípio.

O coro da casa abrilhantou a celebração com o órgão e as violas mas o que mais nos encheu a alma, foi o coro das crianças, capela acima, capela abaixo, guinchando e saltando a espalhar felicidade por toda a gente.

Não pude acompanhá-los no jantarinho de festa que se seguiu, mas os cantores e tocadores representaram-me bem. Era tudo **Família!**... Bendito seja Deus! □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • obradarua@iol.pt

www.obradarua.org.pt

facebook.com/Casa.do.Gaiato

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 21650

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

SER *Padre da Rua*, não é nada fácil. O que vou dizer não é para engrandecer, a nós, *Padres da Rua*. “Nós somos uns merdas”, dizia Pai Américo, muito a sério diante do Sacrário, em Paço de Sousa. Também não para humilhar os outros Padres que não estão connosco e têm mais méritos diante de Deus que nós. É tão somente para afirmar o que somos e desafiar indecisos. Por aqui não aparece quem queira arriscar. Por medo ou falta de generosidade ou outras razões que melhor é esconder. Mesmo Congregações religiosas que têm o mesmo carisma, têm também o seu regulamento interno que não se coaduna ou por horários ou outras orientações ou devoções que divergem muito. Esta classe de Rapazes exige um acompanhamento de vinte e quatro horas por dia, às vezes dizemos mais, porque um dia é emendado a outro e só acaba quando tudo serena. É uma preocupação muito séria. Esteve aqui o Rui, com o Curso de Teologia feito na Católica do Porto. Pensávamos nós que ele se converteria mas foi-se embora. É um homem generoso, capaz de aceitar qualquer trabalho e aqui muitos lhe foram dados. Amigo dos Rapazes, com certa dificuldade é certo de os serenar na aula, mas tudo isso poderia ter aprendido aqui. Se me perguntarem que é que lhe faltou diria, nada. Mas os caminhos de Deus são insondáveis. Talvez lhe tenha faltado aquela Fé que tinha Pai Américo, aquele abandonar-se nas mãos de Deus, como tantas vezes cantavam os Rapazes na Celebração da noite. Eu não lhes encomendei nada, mas ficava contente e inti-

BENGUELA

Padre Manuel António

Dia de Pai Américo

O Amor deve ser a norma suprema da nossa vida. A alma da nossa conduta deve ser o Amor. Não existem leis, ou normas morais, ou sociais que permitam uma desatenção para com o verdadeiramente necessitado.

Quando vossos olhos poisarem nestas Notas, já foi celebrado o Dia de Pai Américo. É a Festa da Obra da Rua, em todas as Casas do Gaiato e no Calvário, casa de família dos doentes incuráveis abandonados. Acontece no dia 16 de Julho de cada ano. Foi o Dia em que o Pai do Céu levou Pai Américo para a morada celeste. Quem dera o Calvário viesse a nascer nesta terra, aonde chegámos no ano de 1963, para a fundação da nossa Casa do Gaiato de Benguela. O doente incurável que vive na miséria bate à porta do hospital que é a casa acolhedora dos doentes que têm cura. E os que não têm cura, nem família capaz de os ajudar e de os acolher? Para onde vão? Para a rua! Ali morrem, debaixo das árvores ou nos vãos das escadas, se, entretanto, não surgir um coração generoso, cheio de amor, que os acolha. O Calvário foi a resposta

que o coração de Pai Américo descobriu para estas situações aflitivas. Quem dera o Calvário tenha possibilidades de nascer, também, nesta nossa querida Angola. A celebração do Dia de Pai Américo e da festa da Obra da Rua dá muita vida a este projecto maravilhoso, no nosso coração.

A propósito dos doentes, a nossa Casa do Gaiato de Benguela tem sido procurada, diariamente, por muitos doentes pobres. Precisam de ajuda para a consulta médica e compra dos medicamentos. Perante esta situação, a pergunta surge espontaneamente: Até quando será possível? É a confiança no amor generoso dos nossos benfeitores que nos leva a manter de pé. Quem dera não nos falte este suporte para a nossa vida diária! O Centro de Saúde da Graça, Instituição oficial, perante a situação actual, lançou um comunicado à população, no geral, para prevenir das doenças que assolam o nosso País. Porém, aqueles que não têm possibilidades financeiras ficam prostrados no chão. Vamos continuar a fazer tudo o que for possível para salvar o nosso povo mais pobre e miserá-

mamente desejoso de que ouvisse o convite de Deus. Foi-se embora contente de ter aqui estado e nós tristes por não se deixar prender. Ultimamente num encontro com o Sr. Núncio, que há-de vir Celebrar connosco os sessenta anos de Pai Américo, este mostrou-se seriamente preocupado. Logo se propôs falar com o Sr. Patriarca de Lisboa de quem é amigo. Aí lhe contei a história triste da Casa do Tojal. De como em vez de um Padre o anterior nos exigiu a Casa. Que tenha Padres talvez sim, mas que queiram vir duvido. Basta olhar para o Calvário. Quem se atreve? Está o Padre Batista a sofrer, estão os doentes a sofrer, talvez mais que ele, que tem o conforto da Fé e ninguém vê? É a pobreza escandalosa dos Padres da rua, como dizia Pai Américo “é o dar-se aos sem nada querer para si”, é desgastante até ao fim? No fundo, no fundo é falta de Fé. Só ela é capaz de arrasar as montanhas interiores que há em nós. No fim da conversa houve um compromisso de parte a parte. Nós falaremos com o Sr. Patriarca de Lisboa para a Conferência Episcopal ser alertada. A Obra da Rua é da sua responsabilidade. Ele que é da Venezuela, país no âmbito da Igreja dos Pobres de procurar Padres. Dizia ele que uma Obra, como a Obra da Rua, não pode acabar. O vaticano não permite que haja mais Congregações Religiosas, muito menos de âmbito Diocesano. Estas já estão ilegais. Bendita a hora em que o Dom António, Bispo do Porto, nos disse que como grupo de padres no serviço específico dos Pobres estávamos muito bem e dentro dos princípios Conciliares. Olha se não fôssemos isso, estávamos agora proscritos. □

vel. Estendei a vossa mão cheia do amor que dá a verdadeira vida ao vosso coração.

Pai Américo entregou toda a sua vida aos pobres e mais pobres, os filhos abandonados, sem família; ou tendo-a é como se não a tivessem. As Casas do Gaiato, o Calvário para os doentes incuráveis abandonados, o Património dos Pobres, para ajudar os que não tinham habitação, são os sinais vivos da sua doação total. O modelo que o apaixonou, até ao dom da sua própria vida, foi a pessoa de Jesus Cristo, Filho de Deus e Salvador da humanidade. Neste tempo, está a decorrer o processo da sua canonização, a declaração pública, da parte da Igreja Católica, da sua santidade. Nesta data festiva da Obra da Rua, quero partilhar convosco esta oração, como forma muito íntima de comunhão de vida com Pai Américo:

“Deus, Pai misericordioso, que concedestes ao Vosso servo Américo, sacerdote, o dom de partilhar a Vossa Paternidade e uma extraordinária luz para descobrir no Pobre abandonado o Vosso Rosto, fazei que eu saiba, como ele, dar-me a todos os homens. Dignai-Vos glorificar o Vosso servo Padre Américo e concedei-me, por sua intercessão, a graça que vos peço. Amen”. □

para ir até Portugal. “Mi dispiace moltissimo”, como dizem os italianos. Com efeito, eu fui sempre, e sou, um grande admirador do Padre Américo, e faço votos para que ele seja elevado quanto antes à honra dos altares.

Renovando-lhe os meus fraternais cumprimentos,

O seu irmão em Cristo
Card. José Saraiva Martins
Muitíssimo obrigado pelo precioso livro que me enviou: Padre Américo – o “santo” dos pobres.

Estas palavras, vindas de quem vêm, dizem muito e registam-se como desafio nesta data festiva, em que celebramos a passagem do Padre Américo para o Paraíso, que desejou para todos os seus filhos. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

NA sexta-feira, à tarde, recebi um telefonema de uma grande superfície comercial de Almada, a dizer-me que tinha lá uma série de caixas de sardinha, que teria de deitar fora, com o coração a doer.

— Oh, padre, já viu? A sardinha tão cara, tanta gente a passar fome e o sou obrigado pô-la no lixo!... Veja lá! —, dizia-me o gerente.

— Venha cá buscá-la e distribua-a pelos pobres.

Várias vezes este senhor me tem transmitido recados semelhantes.

Tenho levado a *Sharan*, uma carrinha de sete lugares. Deito os bancos, cubro-os com um cobertor, ponho sobre a manta seis caixas largas de plástico vedadas, e, em cada, uma rima de caixas de esferovite ou plástico, cheias de peixe, entalhadas umas nas outras.

Temos o cuidado de despejar alguma água liquefeita do gelo que normalmente cobre a sardinha, mas o trajeto ainda demora e, se acontecer uma travagem ou uma curva descuidada, o líquido entorna-se, sai da caixa grande e o veículo fica a cheirar a peixe durante meses. É um odor desagradável e difícil de tirar.

A tarde estava muito quente e algumas vozes diziam-me: — Não vá. A sardinha não estará em boas condições para dar e comer. Telefone a dizer que não pode ir.

Havia algo dentro de mim que me afoitava: — *Vai. Pode ser que a sardinha esteja boa e será uma grande consoladela para os pobres que não a comem, por ser tão alto o seu preço.*

Que boa hora!... cheguei ao hipermercado passava pouco das seis da tarde. O senhor já não estava mas deixou ordens.

Levei, para me ajudar, o Rodrigo, que é alto e tem força juvenil para carregar as caixas.

A sardinha, coberta de gelo, enchia o olho, de gorda!

Como dei graças a Deus pela força que me havia dado empurrando-me contra toda a adversidade.

Tendo levado já dois pratos de sopa em aço inoxidável, dirigimo-nos a um dos bairros mais pobres de Setúbal, oferecendo o nosso presente.

Em poucos minutos o Rodrigo estava rodeado de pessoas, homens, mulheres e crianças munidas de sacos de plástico, alguidares, tachos e, até, painéis.

Para sua comodidade mandei ao meu companheiro que colocasse as caixas de peixe em cima de um muro baixo de protecção, e ele desenrascou-se bem. Dava uma caixa e, quando vazia, ponha-a no chão uma sobre a outra e vinha à *Sharan* buscar uma cheia.

A multidão aumentava. Não sei como, mas penso que os telemóveis funcionaram e, apressadas, as mães de família com a sua numerosa prole, iam-se chegando ao lugar da distribuição.

Um pouco esgotado e para não me expor muito, fiquei dentro da carrinha, dando as minhas instruções ao Rodrigo: — *Tem cuidado, olha que ainda falta muita gente, não dês mais de dois pratos a cada pessoa.*

Nestas ocasiões, vem-me sempre à memória a multiplicação dos pães que Jesus continua a fazer, por nosso intermédio e me enche a alma de uma alegria única!

A maior parte destas famílias encontraram ali o seu jantar, deliciaram-se com a sardinha assada e eu deleitei-me com o espectáculo!

Muitas crianças, aos saltos de contente, rejuvenesciam a multidão. Entretanto um rapazito de seis ou sete anos aproximou-se da carrinha descalço e de ranho seco abaixo do nariz e perguntou: — *Tu, é que és o padre?* — Os olhos brilhavam de uma inocência viva e extasiante! — *Sim, sou eu.*

O menino foi juntar-se às outras crianças, deixando-me na alma esta pergunta tão simples e tão concisa com sabor sobrenatural elevado que confundia a minha miséria. *Eu é que sou o padre, o pai daqueles pobres.*

Entrementes, uma mulher magra e baixinha dirigiu-se a mim desta forma: — *Senhor padre venha ver a minha casa. Preciso tanto de um chão. O da sala e o da cozinha está todo partido e nos quartos não tenho nada.*

O convite desta pobre desinstalou-me da contemplação em que me envolvia.

Deixei o Rodrigo, a carrinha e fui averiguar a verdade do seu pedido. Não era longe o primeiro andar onde vivia.

— *Tenha cuidado, olha que a escada é manhosa! Não caia!*

Era visível a minha dificuldade em subir, embora disfarçasse quanto podia.

— *Não se atrapalhe. Eu não caio* —, respondi.

A preocupação dos pobres é tão saborosa!

A sala e a cozinha não estavam tão mal de chão, os quartos é que só tinham a marca dos tacos da madeira no cimento.

— *Sim senhora, vou mandar trinta e quatro metros quadrados de ladrilho, cor de tijolo e o cimento cola correspondente para a sua aplicação. O da sala e da cozinha ainda está melhor que o de muita gente.*

Assim terminou aquela tarde quente que me encheu de júbilo. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Eu não procuro nunca, nesta nota de semana, ser sublime ou persuasivo, mas sim pregar o Evangelho a todas as criaturas — o Evangelho do Pobre.

Continuação da página 1

Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos e nomeado Cardeal pelo Papa João Paulo II. Tão dedicado ao serviço da Igreja, o Cardeal Bernardin Gantin, ao apresentá-lo, disse sorrindo: *No Vaticano temos um Santo Padre e um “padre dos santos”*. Aliás, também ele um dia, terminada uma visita ao Oriente, à última hora, decidiu não entrar num avião de regresso a Roma, que se despenhou... Em entrevista a Saverio Gaeta, afirmou que o Padre Américo, fundador da Obra da Rua é um caso de sacerdote de grande projecção nacional e até internacional, a sua Obra é bem conhecida e o testemunho da sua vida sacerdotal continua vivo ainda hoje.

Num cristão atrevimento, endereçámos-lhe convite para celebrar junto da campa rasa do servo de Deus Padre Américo; e até reviver lembranças dos quatro anos que viveu nas terras de Penafiel. Como sinal de gratidão e para memória futura, permitimo-nos dar à estampa a sua resposta amiga. Eis:

Escrevo-lhe estas linhas para lhe agradecer, do todo o coração, o amável convite a ir no próximo 17 de Julho a Portugal, para celebrar na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, a Eucaristia comemorativa dos 60 anos da morte do Padre Américo.

A tal respeito tenho, porém, a dizer-lhe que, infelizmente, não é possível deixar Roma naquela data